

Jornal do Engenheiro Agrônomo

ANO 43, Setembro/Outubro de 2013, nº 273

Impresso fechado pode ser aberto pela ECT



Efeméride

O Dia do Engenheiro Agrônomo e a história da primeira profissão regulamentada no Brasil | Pág 06

Entrevista

Sérgio Augusto Morais Carbonell fala de seu trabalho e da rica trajetória do Instituto Agronômico de Campinas | Pág 10



Associação de
Engenheiros Agrônomos
do Estado de São Paulo
<http://www.aeasp.org.br>

Filiada a Confederação das Associações de
Engenheiros Agrônomos do Brasil

Presidente Angelo Petto Neto

angelo.petto.neto@gmail.com

1º vice José Antonio Piedade

japiedade@ig.com.br | piedade@cati.sp.gov.br

2º vice Henrique Mazotini

henrique.mazotini@andav.com.br

1º secretário Ana Meire Coelho Figueiredo

anikka@lexxa.com.br

2º secretário Andrea Cristiane Sanches

andrea_sanches@uol.com.br

1º tesoureiro Tulio Teixeira de Oliveira

aenda@aenda.org.br

2º tesoureiro Celso Roberto Panzani

celso@cati.sp.gov.br

Diretor André Amosti

andre_amosti@hotmail.com

Diretora Francisca Ramos de Queiroz

nfr_queiroz@hotmail.com

Diretor Glauco Eduardo Pereira Cortez

glauco.cortez@uol.com.br

Diretor Luiz Ricardo Viegas de Carvalho

ricardoviegas@terra.com.br

Diretor Nelson de Oliveira Matheus Júnior

nmatheus2@uol.com.br

Diretor Pedro Shiguero Katayama

pedrokatayama@bol.com.br

CONSELHO DELIBERATIVO

Alexandre Vieira Abbud, Arlei Arnaldo Madeira, Cristiano Walter Simon, Francisco Frederico Sparenberg Oliveira, Francisco José Burlamaqui Faraco, Guilherme Luiz Guimarães, João Sereno Lammel, José Eduardo Abramides Testa, José Luis Sussumu Sasaki, José Otávio Machado Menten, José Paulo Saes, Luiz Antonio Pinazza, Mário Ribeiro Duarte, Taís Tostes Graziano, Valdemar Antonio Demétrio

CONSELHO FISCAL:

Celso Luis Rodrigues Vegro, Luis Alberto Bourreau, Luiz Henrique Carvalho.

Suplentes: André Luis Sanches, Cássio Roberto de Oliveira, René de Paula Posso



Órgão de divulgação da Associação
de Engenheiros Agrônomos do
Estado de São Paulo

Conselho Editorial

Ana Meire C. Figueiredo, Angelo Petto Neto,
e Tulio Teixeira de Oliveira.

Diretor Responsável

Nelson de Oliveira Matheus

Jornalista Responsável

Adriana Ferreira (MTB 42376)

Secretária: Alessandra Copque

Produção: Acerta Comunicação

Diagramação e Ilustração: Janaina Cavalcanti

Redação: Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar

CEP 01041-000 - São Paulo - SP

Tel. (11) 3221-6322 / Fax (11) 3221-6930

redacaojea@aeasp.org.br/aeasp@aeasp.org.br

Envie mensagens com sugestões e críticas para
a editora: adriana@acertacomunica.com.br

Os artigos assinados não refletem a opinião da AEASP.
Permitida a reprodução com citação da fonte.

Ao comemorarmos em 12 de Outubro de cada ano o Dia do Engenheiro Agrônomo, relembramos também a data do Decreto que regulamenta a nossa profissão. É sempre oportuno reviver a nossa história relatando este fato para reafirmarmos como passamos a exercer a primeira profissão regulamentada no Brasil.



A nossa matéria de capa, nesta edição, foi organizada pelo colega José Antonio Piedade, primeiro vice-presidente da AEASP, com o objetivo desse resgate histórico. Valorizar o passado e retransmitir o nosso legado às novas gerações é uma das tarefas que nos competem como profissionais representantes desta honrosa categoria.

É consenso que a área da pesquisa agrônômica foi e continua sendo fundamental para o desenvolvimento e pujança da agricultura brasileira. Dentro desse setor, o Instituto Agronômico de Campinas, com seus 126 anos, contribuiu e contribui ainda, de forma inquestionável, para esse processo. Recentemente, o colega Sérgio Augusto Morais Carbonell, assumiu a direção do IAC e nós o entrevistamos neste JEA, para saber mais sobre sua trajetória e seus planos à frente da instituição.

Aproveito este espaço para abordar a edição pelo CONFEA, da Resolução 1048, que consolida as áreas de atuação, as atribuições e as atividades profissionais, relacionadas nas leis, nos decretos-lei e nos decretos que regulamentam as profissões de nível superior, abrangidas pelo Sistema CONFEA/CREA/MUTUA. A Resolução 1048 é de grande importância, visto que por meio dela o Conselho reafirmou seu compromisso de defesa da sociedade e da valorização das profissões a ele vinculadas, entre elas a Engenharia Agrônômica.

No mais, o nosso JEA conta, como sempre, com um time de respeitáveis colaboradores que por meio de seus artigos enriquecem o conteúdo desta publicação e ampliam nossa visão sobre diversos assuntos.

Boa Leitura!

Eng. Agrônomo Angelo Petto Neto



Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar

CEP 01041-000 - São Paulo - SP

Tel. (11) 3221-6322 Fax (11) 3221-6930

Site: www.aeasp.org.br

redacaojea@aeasp.org.br/aeasp@aeasp.org.br

Pelo conjunto da obra

Durante a 12ª Edição do Congresso Abag, três ilustres engenheiros agrônomos receberam homenagens: Alfredo Scheid Lopes, foi contemplado com o Prêmio Norman Borlaug; Cristiano Walter Simon recebeu o Prêmio Ney Bittencourt de Araújo; e Maurício Antônio Lopes, presidente da Embrapa, subiu ao palco para receber as honras pelo aniversário de 40 anos da empresa completados este ano.

“Alfredo é um desses companheiros e amigos que fez o Brasil crescer”, enfatizou o ex-ministro Alysson Paolinelli, que foi con-

vidado a falar de Scheid.

O também ex-ministro Roberto Rodrigues, fez o discurso em homenagem a Cristiano, seu amigo há mais de 50 anos. “É essencial na vida procurar se aproximar de quem é melhor do que a gente. E ser amigo do Cristiano é uma honra, um orgulho e melhora a gente. A Abag cultiva aqueles que não têm um momento de brilho na vida, mas que têm sim um conjunto de obras realizadas no agronegócio brasileiro, assim como o Cristiano”, exaltou.



“Os fios da memória”

O engenheiro agrônomo José Norival Augusti, membro da “turma de ouro” da Esalq, a F 65, acaba de receber a Comenda “Prefeito José Penna”, em Taquarituba (SP), em solenidade que homenageou as figuras que deram grandes contribuições à cidade. Durante 35 anos, o colega prestou serviços de assistência técnica aos produtores da região. Foi um dos responsáveis pela

implantação de Holambra II, em Paranapanema, dando início ao projeto de produção de frutas de clima temperado ou subtropical, dentre outras importantes realizações.

Para contar as inúmeras histórias que viveu na agronomia, José Norival e sua filha criaram uma página de memórias na internet. Quem quiser conhecer mais sobre a rica trajetória desse engenheiro agrônomo, basta entrar em: <http://fiosdamemoria.blogspot.com.br/2011/06/evolucao-na-agricultura-da-regiao-de.html>

Nova diretoria

A Academia Nacional de Agricultura tem nova diretoria. Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura tomou posse como novo presidente na sede da Sociedade Nacional de Agricultura, no Rio. A Academia Nacional de Agricultura reúne personalidades destacadas do agronegócio brasileiro.

Também assumiram suas cadeiras, a diretora-presidente da União da Indústria de Cana-de-Açúcar, Elizabeth Farina, o ex-ministro da Agricultura, Luís Carlos Guedes Pinto, o vice-presidente da FGV, Sérgio Franklin Quintella, e o engenheiro José Milton Dallari, um dos criadores do Plano Real, em 1994.

Rodrigues garantiu que pretende levar as discussões da entidade a um patamar mais prático. “É preciso estruturar mecanismos para agir de fato. Não dá mais para viver de diagnósticos, precisamos de propostas concretas e tópicas”, ressaltou ele que é também diretor do Centro de Agronegócio da Fundação Getúlio Vargas (FGV) e embaixador especial da FAO para o cooperativismo internacional.

Visita a AEASP

Edmondo Andrei, autor do Compêndio de Defensivos Agrícolas e do Guia Prático de Produtos Fitossanitários, visitou a AEASP recentemente e foi recebido pelo diretor da entidade, Nelson Matheus. As publicações são de grande importância para o trabalho dos engenheiros agrônomos e podem ser obtidas pelo site da editora: <http://www.editora-andrei.com.br>



O mestre Fernando Penteadado Cardoso nos brinda com um documento histórico, carta que escreveu quando era secretário da agricultura do Estado de São Paulo, para os produtores rurais e os agrônomos.

O Dr. Fernando foi secretário de abril a julho de 1964, quando o governador era Adhemar de Barros. Mas face às dificuldades de convívio com o executivo estadual, deixou o cargo. Ele foi substituído pelo eng. agrônomo Antônio Rodrigues Filho, pai do ex-ministro ministro Roberto Rodrigues.

Ao dirigir mensagem aos produtores e agrônomos, pouco antes de sua substituição, o mercado padecia de aguda falta de feijão devido à frustração de duas safras seguidas por motivos climáticos. A mensagem revela seu pensamento e preocupações ao se despedir como secretário.

Mensagem aos lavradores, criadores e agrônomos

*Fernando Penteadado Cardoso, Secretário da Agricultura, 1964

Neste início de julho, quando cada lavrador estima seus planos de plantação para 64/65 e quando os agrônomos colaboram nos pormenores desses programas, venho trazer a todos minha palavra de estímulo e de apoio.

Estamos terminando um ano agrícola extremamente difícil e desfavorável, caracterizado pela maior estiagem de que se tem notícia, seguida por chuvas de verão escassas, além de esparsas.

Felizmente, no ano que se inicia, as perspectivas de clima se mostram animadoras. As chuvas de outono e início de inverno têm sido fartas, beneficiando pastagens, culturas permanentes e cana recém-plantada. O preparo da terra está iniciando e as informações que nos chegam indicam confiante entusiasmo para o próximo plantio.

Os volumes previstos de produção, complementados pelas safras dos Estados vizinhos, como ocorre normalmente, virão satisfazer o consumo interno e ainda proporcionar um saldo exportável de 120 mil toneladas de algodão. A melhoria da eficiência agrícola verificada nos últimos anos poderá proporcionar colheitas ainda mais expressivas.

Apelamos aos plantadores de cana, usineiro e fornecedores, para semear feijão nas melhores terras das quadras que serão renovadas, sem prejuízo da plantação da cana em fevereiro.

Para as demais culturas e criações, lembro uma regra geral: procurar o máximo rendimento, plantando a área que seja bem atendida pelos recursos materiais e humanos disponíveis. O zelo, o capricho e o desejo de "fazer melhor do que antes", virão proporcionar melhor produção e maior renda.

Aos agrônomos em geral, particularmente aos que se incumbem da extensão agrícola, faço uma convocação como colega e secretário: identifiquem-se com os lavradores, conheçam seus problemas, proponham soluções práticas, baseadas na técnica, na experiência e na observação. Recomendo uma atenção e um carinho todo especial com relação aos sítiantes. Vamos a eles,

por nossa iniciativa, captando a sua amizade e confiança. Vamos estabelecer campos de demonstração e promover reuniões nos bairros de sítiantes, para lhes mostrar como obter maior produtividade. Vamos lhes transmitir entusiasmo e vontade de progredir.

Aos lavradores e agrônomos, irmanados em um objetivo comum, transmito um apelo final ao encerrar esta mensagem. Pensem na terra, é imperioso protegê-la da erosão sem o que não poderemos melhorar a fertilidade, aumentar a produtividade e obter maiores lucros. Lembremo-nos de que dentre os vários métodos de combate à erosão, a plantação em nível, completada por faixas de retenção, é um sistema simples e econômico que está ao alcance de qualquer um. Unamo-nos para a batalha da fertilidade, pois sem esta não poderemos tirar todo o proveito dos demais avanços da ciência, da técnica e da organização agrícola.

Os órgãos e serviços da Secretaria da Agricultura estão à disposição dos lavradores, para, juntamente com eles, dar cumprimento ao programa do Governo de São Paulo de incentivo a produção agropecuária, cujo aumento é indispensável para o bem estar das populações urbanas e para o progresso de nosso País.

Para finalizar, recorro as humildes e sábias palavras de uma velha imigrante italiana - Maria Schiabel - que passou a vida cultivando terras de minha família: "O homem lavra a terra, derrama o seu suor. Mas se Deus, que é o Senhor do sol, da chuva e do vento, não abençoar o seu trabalho, pouco ou nada colherá".

*Fernando Penteadado Cardoso é engenheiro agrônomo sênior, USP-ESALQ, 1936 - Produtor de cana em Mogi Mirim/SP.



Não objeção responsável

*Tulio Teixeira de Oliveira

Quando uma tecnologia está implantada, usada largamente e com conhecimento já bem sedimentado é recomendável aplicar o princípio da não objeção para acelerar os processos governamentais de controle cadastral.

No caso dos agroquímicos, a Argentina criou, desde vários anos, uma lista de especialistas que avaliam os dossiês toxicológicos e ambientais preparados pelas empresas a partir dos requisitos estabelecidos em legislação, para os novos ingredientes ativos. Estes especialistas, após análises dos dossiês, e ajustes se necessário, avaliam a documentação que segue para registro governamental. Os especialistas são escolhidos ou aprovados após averiguação das qualificações curriculares; e suas unidades de prestação de serviço são cadastradas formalmente e passam por auditorias de tempos em tempos.

O governo acata esse aval, concede o registro ao produto e passa a focar nos aspectos relativos à fiscalização das boas práticas fabris e laboratoriais no que diz respeito aos fabricantes, formuladores, manipuladores, importadores e exportadores. Concomitantemente, fica mais atento às regras de transporte, de comércio, de armazenagem, de destino dos resíduos e embalagens vazias, de aplicação e de utilização. Pode fazer essas fiscalizações e supervisões nos Estados com mais eficiência, uma vez liberto de grande parte da burocrática tarefa de examinar uma miríade de testes, fazer exigências e por fim o rito de aprovar um produto.

Está mais do que na hora do Brasil adotar esse princípio da não objeção responsável. E, até ampliá-la para os aspectos agrônômicos e para os produtos genéricos, registrados por equivalência química. A fila de produtos esperando registro é quilométrica. As empresas registrantes ficam desesperadas por não poder planejar seus lançamentos, produções e vendas dos esperados produtos. Os agricultores, por seu turno, reclamam da não presença de novos produtos (novos ingredientes ativos ou misturas inovadoras), já sendo utilizados em outros países, ou da não concorrência para determinados ingredientes ativos, ainda em

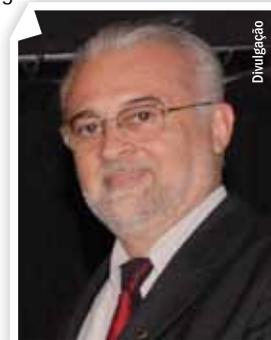
monopólio, mesmo com patentes já caducasas.

Até 11 de junho de 2013, de acordo com o portal eletrônico da ANVISA, a fila com Produtos Técnicos e Produtos formulados era de 83 processos em análise + 846 processos na fila, portanto 929 processos ainda sem definição. A esta relação deve ser somada a dos Produtos Técnicos Equivalentes, que naquela data era de 126 processos em análise + 421 processos na fila, portanto 547. Ora, de lá para cá foram pleiteados mais 143 registros, o que eleva a espera por registros para $929 + 547 + 143 = 1.619$ processos. Por sua vez neste período foram expedidos apenas 36 registros (não sabemos quantos processos foram indeferidos).

Para enfrentar essa enorme demanda, o governo pode contratar centenas de técnicos ou adotar a alternativa da não objeção responsável. O que é mais racional neste momento? Na contratação de pessoal vai gastar o que não tem, em uma área evidentemente não prioritária para tanto dispêndio. No sistema da não objeção, o governo além de economizar, ainda se livra da imagem de incompetência por carregar uma fila vexatória. Adicionalmente, a responsabilidade por ter aprovado um produto é neste formato suportada por um centro de excelência externo às contingências de um serviço público. E, por parte das empresas, estas terão um pouco mais de dispêndio financeiro, mas em troca verão uma maior velocidade na obtenção dos registros; e, em pouco tempo, o fim das filas e a possibilidade de projetar melhor seu negócio.

O Brasil conta com capacitação técnica acadêmica de alto nível e a criação do método da prévia avaliação não governamental teria rápida adesão de núcleos de excelência em conhecimento científico. Esse tipo de avaliação externa permite maior aproveitamento do conhecimento científico do país por parte do sistema público e gera sinergias para desenvolver ainda mais tecnologia.

***Eng. Agr. Tulio Teixeira de Oliveira** – Diretor Executivo da AENDA
www.aenda.org.br / aenda@aenda.org.br



Aenda
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS DEFENSIVOS GENÉRICOS

Dia do engenheiro

Há 80 anos foi regulamentada a engenharia agrônoma, primeira profissão de nível superior no Brasil

*José Antonio Piedade

No dia 12 de outubro de 1933, o então ditador do Brasil, Getúlio Vargas, por meio do Decreto nº 23.196, regulamentou a profissão de engenheiro agrônomo e definiu suas atribuições. Essa foi a primeira profissão de nível superior regulamentada no País e a fiscalização do exercício profissional ficou ainda condicionada ao registro do título da Diretoria Geral da Agricultura, do Ministério da Agricultura. Os formados nessa área foram os primeiros a serem chamados, após a proclamação da República, de doutores pela população. Nessa época ainda não existiam os cursos de pós-graduação, mestrado e doutorado e pós-doutorado. Esse decreto foi tão marcante para a profissão que o dia 12 de outubro ficou consagrado como o Dia Nacional do Engenheiro Agrônomo.

Essa conquista teve uma história bastante curiosa. No ano de 1932, logo após a revolução constitucionalista, Getúlio Vargas teria determinado ao então interventor federal de São Paulo, Pedro Manuel de Toledo, que seu filho Manoel Antônio Sarmanto Vargas, gaúcho de São Borja e conhecido como "Maneco

Vargas", na ocasião com 16 anos, fosse admitido como aluno da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" (ESALQ), que passou a usar esse nome em 1931. Até essa data, chamava-se Escola Agrícola Prática "Luiz de Queiroz", inaugurada em 3 de junho de 1901, em Piracicaba. Aproveitando-se da situação, o então diretor da escola Prof. José de Mello Moraes e alguns outros professores, entre eles Jayme Rocha de Almeida, Brenno Arruda, Nicolau Athanassof, Orlando Carneiro, Ruben de Souza Carvalho, Heitor Pinto Cesar, Lamartine Antonio da Cunha, Octavio Domingues, Raul Duarte, João Bierrenbach de Lima, Tarcisio de Magalhães, José Canuto Marmo, Benedicto Teixeira Mendes, Carlos Teixeira Mendes, Paulo de Negreiros, Octavio de Campos Pacheco, Luís da Silveira Pedreira, Salvador de Toledo Pizza Junior, Eduardo Augusto Salgado, Pedro Moura de Oliveira Santos, Alcides Di Paravicini Torres, Sylvio Tricânico e Philippe Westin Cabral de Vasconcellos, para "fazer desse limão uma limonada" e tirar proveito da mesma, resolveram estimular Maneco Vargas e

DECRETO Nº 23.196 - DE 12 DE OUTUBRO DE 1933 (*) – DOU DE 31/12/33

Regula o exercício da profissão agrônoma e dá outras providências

O Chefe do Governo Provisório da República dos Estados Unidos do Brasil, na conformidade do art. 1º do decreto número 19.398, de 11 de novembro de 1930, resolve:

Art. 1º O exercício da profissão do agrônomo ou engenheiro agrônomo, em qualquer dos seus ramos, com as atribuições estabelecidas neste decreto, só será permitido:

a) aos profissionais diplomados no país por escolas ou institutos de ensino agrônômicos oficiais, equiparados ou oficialmente reconhecidos...

Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1933, 112º da Independência e 45º da República.

GETULIO VARGAS
Joaquim Pedro Salgado Filho.

agrônomo

alguns colegas de classe, entre eles Armando Petinelli, Fernando Penteado Cardoso, João Pacheco Chaves, Octávio Galli e Reinaldo Foster a irem até o Rio de Janeiro com a nobre tarefa de levar até seu pai, o então Presidente da República Getúlio Vargas, um projeto de decreto que regulamentava a profissão do agrônomo ou engenheiro agrônomo, no Brasil. Os formandos da ESALQ, de 1903 a 1925, receberam o título de agrônomo e a partir de 1926, passaram a receber o título de engenheiro agrônomo.

Recebidos no Palácio do Catete, onde pernотaram, foram encaminhados no dia seguinte para o Ministro dos Negócios da Educação e Saúde Pública, Washington Ferreira Pires, com um bilhete de Getúlio Vargas: "atenda o pedido dos meninos". E assim, algum tempo depois, em 12 de outubro de 1933, Getúlio Vargas promulgou o decreto regulamentado a primeira profissão de nível superior no Brasil. Posteriormente, foram regulamentadas as profissões de engenheiro civil, médico, advogado e dentista. Com a criação de outras escolas de nível superior de agronomia, os títulos dos formandos ficaram diluídos entre os agrônomos e engenheiros agrônomos, pois em 8 de fevereiro de 1934, o Decreto nº 23.857 atribuía o título de agrônomo aos alunos que concluíssem a Escola Nacional de Agronomia (ENA), no Rio de Janeiro (Praia Vermelha). Com atribuições semelhantes criaram-se algumas divergências quanto a denominação legal desse profissional das ciências agrícolas. Entretanto, o Decreto-Lei nº 9.585, de 15 de Agosto de 1946, restabeleceu o título de engenheiro agrônomo para os formandos de todas as escolas de agronomia no país, que prevalece até hoje.

O Decreto nº 23.569, de 11 de dezembro de 1933, instituiu o Conselho Federal de Engenharia e Arquitetura (Confea) e os Conselhos Regionais de Engenharia, Arquitetura e Agronomia (CREAs) estabelecendo suas composições e as atribuições dos profissionais da engenharia e afins. A Lei nº 5.194/1966, organizou o Sistema Confea-CREAs e atualizou a regulamentação do exercício da profissão de engenheiro agrônomo e de outros profissionais do sistema.

Essa história me foi contada pelo eng. agrônomo Ciro Albuquerque (ESALQ 1942), em sua Estância Laura, em Itapetininga/SP, em 1990, por ocasião de um almoço festivo com integrantes da Loja Maçônica "FIRMEZA", federada ao Grande Oriente do Brasil. Recentemente, conversei com o eng. agrônomo João Jacob Hoelz (ESALQ 1942), que disse lembrar-se desse fato, contado a ele pelo colega de turma na faculdade, Nicolau Abramides.

**José Antonio Piedade, 1º vice-presidente da AEASP*

O último depoimento do filho do Presidente

* Clayton Rocha

Manoel Antônio Sarmanho Vargas, mais conhecido como Maneco Vargas, nasceu em São Borja no dia 17 de fevereiro de 1916. Filho de Getúlio Dornelles Vargas, ex-presidente do Brasil, e de sua esposa, Darcy Sarmanho Vargas, Maneco formou-se engenheiro agrônomo pela Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), da Universidade de São Paulo (USP), em Piracicaba, interior de São Paulo. Muito interessado pelos fatos que envolviam a política, decidiu seguir os passos do pai, ingressou na vida política, tornando-se secretário de Agricultura do Rio Grande do Sul e prefeito de Porto Alegre, em 1955. Ele também foi precursor das cadeias de supermercados do RS. Maneco deixou a vida política para dedicar-se à estância da família, em Itaqui. E foi na estância da família Vargas que no dia 15 de janeiro de 1997, Maneco foi encontrado morto, com um tiro de revólver calibre 38 no coração.

Eu o conheci em Viamão, durante um assado de cordeiro, no Sítio do Cândido Norberto. Ele gostava de uma boa conversa e o seu jeito de ser lembrava o Presidente. Poder conversar à vontade com ele, num ambiente caseiro e descontraído, foi algo significativo demais para quem admirava seu pai, o Presidente Getúlio Dornelles Vargas. Aquela noite ficaria gravada para sempre nas minhas melhores recordações políticas. Ele e eu estabelecemos uma boa sintonia e a conversa fluiu solta madrugada adentro. Eu queria saber muito. Ele queria contar tudo. E os grandes momentos da conversa passavam pela figura magistral de Getúlio. Combinamos coisas. E Maneco apreciou os projetos.

Num deles, o filho do histórico Presidente da República viria a Pelotas e seria meu convidado. Aqui, lançaria o seu livro e participaria de um 13 Horas e de um churrasco de chão, carne assada no couro e espeto de pau. Mas algumas semanas antes do combinado, morreu. Em seu último depoimento, ele conversou comigo, com o Fernando Lessa Freitas e o Deogar Soares. Nenhum de nós poderia imaginar que aquela entrevista seria histórica e definitiva.

**Texto e foto do jornalista Clayton Rocha - Extraídos do site do programa radiofônico Pelotas 13 horas - <http://www.pelotas13horas.com.br/>*



O engenheiro agrônomo Manoel Antonio Sarmanho Vargas, filho de Getúlio Vargas, foi Secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul e Prefeito de Porto Alegre em 1955.

As primeiras profissões no Brasil

Somente em 29 de agosto de 1828, com a rubrica e guarda de D. Pedro I, foi baixado Decreto Imperial fixando as primeiras exigências para elaboração de projetos e trabalhos de construtores, então conhecidos como “empreiteiros”, estabelecendo regras para a construção de obras públicas relativas à navegação fluvial, abertura de canais, construção de estradas, pontes e aquedutos, prevendo a participação, nessas atividades, de engenheiros ou na falta desses, “de pessoas inteligentes” (Demétrio, 1989).

O Decreto nº 4.696, de 1871, aprovou o novo regulamento do Corpo de Engenheiros Civis, revigorando a exigência do respectivo diploma para o exercício dos cargos, bem como de certo número de anos de prática profissional. O Decreto nº 3.001, de 1880, baixado pelo Poder Legislativo do Império, passou a exigir dos engenheiros civis, geógrafos, agrimensores e bacharéis em matemática, a apresentação de seus títulos ou carta de habilitação científica para que pudessem ser empossados em empregos ou comissões por nomeação do governo imperial.

A 1ª Constituição da República, de 24 de fevereiro de 1891, previa no § 24 de seu artigo 72: “É garantido o livre exercício de qualquer profissão, moral, intelectual e industrial”. Com o advento da República, os Estados e o Distrito Federal passaram a legislar sobre os trabalhos de engenharia, agrimensura e arquitetura sem qualquer orientação ou supervisão federal. No Estado de São Paulo, em decorrência de um memorial encaminhado à Câmara Estadual pelo Instituto de Engenharia, foi baixada em 1924, a Lei Estadual nº 2.022 que, em suas várias disposições, dispunha que o exercício da profissão de engenheiro, arquiteto e de agrimensor somente seria permitido: a) aos que fossem habilitados por títulos conferidos por escolas de engenharia oficiais da União ou do Estado de São Paulo; b) aos que, sendo graduados por escolas estrangeiras, fossem também habilitados por escolas brasileiras; c) aos que, na data de sua promulgação, estivessem no efetivo exercício de cargos pertinentes em órgãos públicos e d) aos agrônomos diplomados pela Escola Agrícola “Luiz de Queiroz”.

Em 1921, sob o governo do Marechal Hermes da Fonseca, estabeleceu-se a “liberdade de ensino”, ensejada pelo Código Rivadávia Correia. Com isso, surgiram numerosas pseudo-academias que, mediante pagamento, passaram a conceder diplomas de toda ordem de engenheiros, arquitetos agrimensores e, nos idos de 1924, começaram a aparecer no País, diplomados na “Escola Livre de Estudos Superiores de Valença/Espanha”, que pretendiam exercer suas profissões no Brasil. As medidas governamentais, em âmbito nacional ou estadual, adotadas desde o Brasil Império até as primeiras décadas do Brasil república, não satisfaziam aos anseios dos profissionais da engenharia, arquitetura e agrimensura. As poucas associações que os congregavam, continuavam a lutar por uma ampla regulamentação a nível federal, de suas profissões.

** Texto extraído de: Simões Florençano, José Carlos & Milharezi Abud, Maria José, em Histórico das Profissões de Engenheiro, Arquiteto e Agrônomo no Brasil. Departamento de Engenharia Civil e Pró-reitoria de Graduação – Universidade de Taubaté/SP – Revista Ciências Exatas, Taubaté, v.5-8, p.97-105, 1999-2002*



FUNDAÇÃO AGRISUS

agricultura sustentável

Financia projetos de:

- Educação individual (bolsas e viagens);
- Educação coletiva (eventos, publicações);
- Pesquisas técnicas, com o objetivo de melhorar a fertilidade sustentável do solo com ambiente favorável.

www.agrisus.org.br

Nomes Definidos

Foram eleitos, na sede da AEASP, os engenheiros agrônomos a serem homenageados durante a cerimônia da Deusa Ceres 2013

*Adriana Ferreira

Na tarde do dia 18 de setembro, diversos membros da AEASP estiveram reunidos para a eleição dos profissionais a serem homenageados na cerimônia da Deusa Ceres 2013.

Após a apresentação dos nomes e de discussões, os presentes chegaram aos resultados dos eleitos por maioria. A principal láurea oferecida pela entidade, a de Engenheiro Agrônomo do Ano, será concedida ao professor Evaristo Marzabal Neves, da ESALQ-USP.

Já a "Medalha Fernando Costa", será entregue aos engenheiros agrônomos Klaus Reichardt (Área de Pesquisa); Fernando Bento Homem de Mello (Área de Ensino); Roberto Antonio Tomaziello (Área de Extensão Rural e Assistência Técnica); Luis Roberto G. Favoretto (Área: Iniciativa Privada e/ou autônomo); Ronaldo Severiano Berton (Área de Ação Ambiental); José Angelo Calafiori (Área de Agropecuária).

Os destaques desta edição da Deusa Ceres são os engenheiros agrônomos Arnaldo Antonio Bortoletto (Área de Cooperativismo) e Nelson Araújo (Área de Comunicação Rural). Na categoria Engenheiro Agrônomo Emérito, o escolhido foi Izidoro Yamanaka.

heiro Agrônomo Emérito, o escolhido foi Izidoro Yamanaka.

O período para as sugestões de nomes a serem homenageados na Deusa Ceres vai de julho a agosto e as eleições ocorrem todos os anos no mês de setembro. A indicação pode ser feita por associados, faculdades de agronomia, institutos e entidades ligadas ao setor, além de delegacias regionais. Qualquer engenheiro agrônomo pode ser indicado, à exceção dos que participam da Diretoria Executiva, à época da eleição.

Além do presidente da AEASP, Angelo Petto Neto, participaram da reunião os seguintes membros: 1º vice-presidente, José Antonio Piedade; 2º vice-presidente, Henrique Mazotini; 1ª secretária, Ana Meire Coelho Figueiredo; 1º tesoureiro, Tulio Teixeira de Oliveira; 2º tesoureiro, Celso Roberto Panzani e o diretor, Pedro Sigueru Katayama. Do Conselho Deliberativo da entidade, participaram: Arlei Arnaldo Madeira, Cristiano Walter Simon, Mário Ribeiro Duarte e Taís Tostes Graziano. E do Conselho Fiscal: Celso Luis Rodrigues Vegro e Luis Alberto Bourreau.



Sérgio Augusto Morais Carbonell

Sandra Mastrogiacomio / Fotos: Divulgação IAC

Filho de militar, e o mais novo de cinco irmãos, Sérgio Augusto Morais Carbonell, 48 anos, diretor-geral do Instituto Agrônomo (IAC), da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo, tinha a certeza de que queria ser pesquisador ainda no primeiro ano da faculdade.

Nascido em Alegrete (RS), quando tinha dois anos de idade, mudou-se para a Santa Maria, no mesmo Estado, onde passou boa parte da vida. Aos 22 anos, em 1987, graduou-se em agronomia pela Universidade Federal de Santa Maria. No início dos anos 1990, concluiu o mestrado em Genética e Biologia Molecular, pela Universidade Estadual de Londrina e, em 1995, doutorou-se na área de Genética e Melhoramento de Plantas pela ESALQ-USP.

Sérgio Carbonell é líder de pesquisa em melhoramento e responsável pela produção de sementes de cultivares IAC e transferência ao setor produtivo. Ele também é professor permanente no curso de pós-graduação no Instituto, participa de treinamentos técnicos realizados em diversas regiões do Brasil, escreve para publicações nacionais e internacionais, revistas científicas, técnicas e imprensa. Organizou e coeditou 12 livros e é autor de mais de 100.

Antes de assumir a direção geral do Instituto, em março de 2013, esteve à frente da Diretoria do Centro de Grãos e Fibras do IAC, como pesquisador científico nível VI na área de melhoramento genético do feijoeiro. Ele ainda passou pelo Conselho Nacional dos Sistemas Estaduais de Pesquisa Agropecuária (CONSEPA) e pela Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (APTA).

Em 1993, Carbonell ingressou no IAC e ao longo dos anos contribuiu para a geração e transferência de tecnologias. É o responsável direto pelo lançamento de doze cultivares de feijoeiros, presentes no mercado brasileiro e motivo de orgulho para o profissional.

■ Por que optou pela engenharia agrônoma?

Meu pai era militar e direcionou todos os filhos a fazerem uma faculdade. Somos cinco irmãos e todos estudaram engenharia, mas cada um se especializou em uma área. Um é engenheiro mecânico, dois são elétricos e outro irmão me inspirou a seguir a mesma carreira dele, a engenharia agrônoma. Sempre gostei muito da parte agrária e de animais.

■ Conte um pouco de sua trajetória depois de formado.

Depois que me formei, me mudei para Londrina, onde morava um dos meus irmãos. Fui participar de um programa do CNPq e de um instituto sobre treinamento de recém-formados para a área de pesquisas. Durante um ano me aperfeiçoei em melhoramento de soja da Embrapa e depois ingressei no mestrado de melhoramento na qualidade de semente de soja, pela mesma universidade. Fui pegando gosto pela pesquisa e transferência de tecnologia, que me abriram um campo grande de trabalho. Quando estava no último ano do doutorado na ESALQ, prestei concurso no IAC para pesquisador.

■ Como e quando começou o seu envolvimento com o cultivares de feijoeiro?

Ao ingressar como pesquisador no IAC, em 1993, escolhi o feijão porque era uma área pouco explorada. Ainda era uma novidade em relação a soja que já estava bem estabelecida. O feijão foi um grande atrativo para mim porque é uma cultura cheia de desafios tanto

na ordem científica quanto tecnológica. O aumento da produção, os programas de resistência a doenças, e a questão de qualidade do grão e de produto são mais desafiadores no feijão do que na soja. O grão deve cozinhar rápido, ser claro e ter o tamanho ideal. Esse é o desafio do melhoramento do feijão, reunir tudo isso em uma única semente.

■ Em comparação com os outros países, qual a nota que o senhor daria para a pesquisa agrícola brasileira?

A pesquisa agrícola brasileira, comparada a outros países na parte tropical, não deve nada a ninguém. Daria nota oito ou até mais. Nós estamos bem adiantados em algumas culturas, até mais do que outros países, como o feijão que é o maior grupo de pesquisas do mundo. Também na soja somos um dos maiores produtores, tem também o milho que não deixa a desejar. Estamos caminhando bem na pesquisa agrícola e podemos ficar melhor com alguns incentivos a mais das instituições públicas e privadas voltadas a pesquisa.

■ Qual a parte que cabe ao governo e aos empresários no que diz respeito ao investimento em pesquisas agrícolas no Brasil?

Um governo ou um país que deseja independência na busca de inovações e na melhoria de qualidade de vida da população tem que investir mais em ciências e tecnologia. Nos negócios com a iniciativa privada, muitas vezes não temos a velocidade suficiente para atendê-los. Esse é o principal problema do governo: a flexibilização de ações. O empresário precisa acreditar no setor produtivo e nas instituições brasileiras, investir e traçar metas e cronogramas de ação de uso daquela tecnologia que foi buscar. Porém os governos de administração direta são mais complicados que as empresas por causa das várias regulamentações para o uso correto do recurso financeiro, o que pode gerar essa demora. Mas o governo brasileiro tem caminhado na linha de incentivo como também na melhoria de ferramentas de trabalho e flexibilização das competências de administração.

■ Qual a contribuição do IAC nessas pesquisas?

O Agrônomo tem 126 anos e durante todo esse tempo fez várias contribuições. Esse ano, lançamos a cultivar de número mil de mais de 96 espécies de plantas que vão do arroz até o trigo e a uva. Isso é um avanço fenomenal do agronegócio no Brasil. A pesquisa com a soja começou aqui, o feijão também. Veja o feijão carioca, que hoje está na mesa do brasileiro, foi criado aqui no IAC. Tem também a tropicalização de frutas com caroço em Jundiá, em São Paulo.

O café, que foi criado por Dom Pedro II, e hoje tem café no mundo inteiro, é originário do trabalho dos pesquisadores. Temos a pesquisa da cana que com a necessidade de novos combustíveis tem crescido muito também devido ao trabalho dos pesquisadores do IAC, não apenas a pesquisa de genética como também no manejo da cultura.

Se for pensar em arroz também para nichos de mercado ou para áreas de produção, temos, por exemplo, o arroz branco, o agulhinha. O amendoim, para a produção de óleo e uso de renovação de cana. Além dos cultivares do trigo para a panificação. Esses são alguns dos produtos.

■ E outros nichos de pesquisa?

Atuamos também na parte de serviços, fazemos a certificação de vários laboratórios em todo o território nacional, padronizando as análises laboratoriais para solo e produtos. Temos o Aplique Bem, programa que ensina a maneira correta de aplicação dos agrotóxi-

Ele assumiu a direção do Instituto Agrônomo de Campinas em março deste ano, mas respira pesquisa há mais de duas décadas

cos, além de avaliar os pulverizadores utilizados. Já treinamos mais de 35 mil agricultores pelo Brasil e isso traz ganho econômico para a propriedade, para a saúde do aplicador e do meio ambiente.

Tem ainda a pós-graduação que há mais de dez anos eleva o nível dos nossos recursos humanos. Outro fator é o sistema de avaliação e acompanhamento de dados do clima e que tem mais de 4 mil acessos por dia. São 120 estações meteorológicas espalhadas pelo Estado de São Paulo, uma rede ampla com alta qualidade.

■ Qual a marca o senhor pretende deixar em sua gestão à frente do IAC?

A minha gestão é baseada na organização e atendimentos as demandas do IAC. Estou trabalhando firmemente para que a geração de tecnologia seja transferida adequadamente para o setor produtivo. Existe um mecanismo de procedimento padrão para que isso flua o mais fácil e transparente possível dentro das várias normativas que temos de governo e de técnicas de pesquisa sempre com o objetivo de melhorar as formas de produção agrícola e a qualidade de vida da população.

■ Como o senhor se sente dirigindo uma instituição que completou este ano 126 anos?

Eu me sinto muito orgulhoso principalmente porque muitas outras instituições foram formadas com base no IAC. Hoje o IAC é referência para toda e qualquer pesquisa científica no Brasil. São 165 pesquisadores na ativa e todos qualificados, com doutorado e altamente demandados.

■ Quais são as metas do IAC para os próximos anos?

Ainda este ano temos o lançamento de mais espécies. Hoje, a pesquisa não é mais restrita a um Estado ou a uma região. A pesquisa que se faz aqui ultrapassa outros estados e não tem validade de uso.

A visão de futuro é incentivar bastante a pesquisa, a ciência e a tecnologia básica da agricultura para produtos de ótima qualidade e que sejam utilizados pelo consumidor, pela indústria e pelos agricultores, enfim, por toda a cadeia de produção. Essa é a nossa meta.

■ Qual o valor do orçamento destinado ao IAC hoje? Esse valor é suficiente?

Os recursos do Governo paulista, em 2013, foram de 3,7 milhões de reais para o custeio e investimento e mais 25 milhões para o pagamento de pessoal, totalizando cerca de 28 milhões/ano. Além do recurso do Tesouro, o Agrônomo tem captações externas junto a agências de fomento como FAPESP, CNPq e FINEP, e a iniciativa privada, que giram em torno de 25 milhões de reais/ano.

Ainda ressalto o investimento do governo, realizado entre 2008 e 2012, de 14 milhões de reais em obras, reformas e equipamentos.

O valor repassado pelo Governo para algumas necessidades tem sido suficiente, mesmo porque temos outras fontes de recursos. Mas o suficiente é delimitado pela demanda e processos de qualidade. Vai depender dos programas que temos em andamento.

■ O Instituto está alinhado com a realidade atual do Brasil em que a agricultura terá de aumentar a produtividade sem expandir áreas?

Isso está bem claro em nossos programas de melhoramento para novos cultivares que sempre estão alinhados ao aumento de produção com menor custo. Por conta da resistência genética à doenças não tem a necessidade de aplicar um defensivo agrícola, o que gera melhoria também no meio ambiente e na saúde do aplicador. Com o novo cultivar é possível ter a qualidade do grão e esse não precisa de processos industriais e de conservação, isso agrega valor ao produto. Quando você otimiza processos, reduz custos e isso dá mais qualidade ao produto e melhora a demanda. O IAC tem atuado bastante nessa área e nunca se esquecendo dos processos modernos de biotecnologia que também fazem parte de nossas pesquisas.

■ O senhor identifica muitos talentos nas novas gerações de agrônomos/pesquisadores?

Sim. Nos baseamos principalmente no comprometimento e dedicação com a pesquisa. Têm surgido alguns líderes. Também faz parte da instituição identificar esses talentos, além de fomentar ações.

■ Quais as perspectivas para a carreira de pesquisador na área agrícola? E quais os principais desafios para os profissionais?

São promissoras. Os pesquisadores comprometidos sempre têm os melhores empregos. Costumo dizer aos meus orientados que mantenham as notas acima da média. Esses sempre serão os mais requisitados. A área de pesquisa é muito fértil e precisa desse tipo de pesquisador.

Os desafios estão na rapidez das informações. O pesquisador tem que ter um senso de avaliação e concentração muito forte para definir aquilo que realmente é essencial, que vai dar diferença de qualidade e de produção. Tem de ter uma linha de pesquisa bem traçada e conhecer as diversas modalidades do setor.

■ Descreva algum momento muito marcante em sua carreira...

O marcante na vida de um pesquisador é ver o produto que produzimos sendo utilizado pelo agricultor, que agradece. O resultado que obtive nos últimos anos em relação aos cultivares de feijoeiro e que estão sendo utilizados pelos consumidores/produtores. Esses são os nossos "filhos" do trabalho, e isso é motivo de bastante orgulho. Outra atividade que me alegra é formar recursos humanos. Sempre busco passar para outros pesquisadores tudo o que aprendi ao longo dos anos.



Raio-x dos produtores

Está em curso um levantamento, feito pela Ipsos, empresa de pesquisa e análise de mercado, em parceria com a Associação Brasileira de Marketing Rural e Agronegócio (ABMR&A), para analisar os hábitos de consumo dos agropecuaristas brasileiros. A divulgação dos resultados está prevista para o 4º trimestre deste ano. Um universo de 2.600 produtores rurais e pecuaristas de todo o País serão ouvidos. A primeira pesquisa deste tipo foi realizada em 1986.

Fazenda Santa Elisa

Uma grata surpresa ver a conhecida Fazenda Santa Elisa, do Instituto Agronômico/APTA, em Campinas, ser apresentada com destaque em um documentário sobre a vida do pedagogo e filósofo Rubem Alves, em exibição pela TV Câmara. Em determinado momento, quase ao final do programa, Rubem aparece caminhando pelo bosque da fazenda e, depois, sentado em um banco de madeira, comenta que aquele era seu lugar preferido. O programa, intitulado "O professor de espantos" é dirigido por Dulce Queiroz, e faz parte da Série Memórias, que traz a biografia de grandes personalidades brasileiras. É possível assistir pela internet no site da Câmara dos Deputados.

56ª Semana "Luiz de Queiroz"

De 07 a 12 de outubro de 2013, acontece a 56ª Semana Luiz de Queiroz que culminará com a reunião de conagração das turmas e comemoração do Dia Nacional do Engenheiro Agrônomo, em 12 de outubro de 2013. Confira a programação no site da Adealq.

Doenças do algodão

A FMC Agricultural Solutions lança o Manual de Identificação das Doenças do Algodoeiro, do consultor técnico Paulo Edimar Saran, seu conteúdo na íntegra pode ser visualizado no link das coletâneas da FMC e no aplicativo gratuito da companhia.

Conclusões do Congresso Abag

Infraestrutura e logísticas foram os temas tratados na 12ª edição do Congresso Abag deste ano. Sucesso de público, o evento reuniu centenas de pessoas em São Paulo. Figuras tarimbadas discutiram problemas e soluções para o gargalo logístico que ameaça a produção agrícola brasileira.

Parece ter sido unânime a conclusão de que é preciso estabelecer uma política de armazenagem e que o produtor rural deve investir em estoques internos. Na palestra inaugural, Ingo Plöger, presidente do Conselho Empresarial da América Latina (CEAL) chama a atenção dos empresários para a oportunidade de investir em armazenagem dentro das fazendas e em gestão de estoque, assim como ocorre nos EUA e Canadá.

O engenheiro agrônomo Alexandre Mendonça de Barros, sócio-diretor da MB Agro, diz que adotando esse sistema o produtor tem condição de escolher o melhor momento para despachar a

safrá. "Acho que temos de caminhar nesse sentido. Mas os incentivos de preço devem ser transparentes para dar sinalização para consumidores e produtores de como devem proceder", salientou.

A linha de crédito de R\$ 1 bilhão criada pelo governo federal este ano para financiar investimentos em armazenagem de grãos foi lembrada por Ingo Plöger como um bom negócio. "Se fizermos os cálculos, vamos ver que vale a pena", destacou. Os empréstimos terão prazo de 180 meses (15 anos) e juros de 3,5% ao ano. "Temos uma corresponsabilidade em olhar isto para fazermos a nossa parte", reforçou Ingo.

Na avaliação dos participantes do Congresso da Abag, o desafio do agronegócio é continuar crescendo sem ocupar novas áreas. Nesse sentido, todos enfatizaram a importância da tecnologia para continuar com os ganhos de produtividade que possibilitam colher mais alimentos na mesma área plantada.



Gerardo Izzari

Congresso Andav se consolida

Em sua terceira edição o Congresso ANDAV, realizado no final de julho, em São Paulo, se firma como evento qualificado do agronegócio. Mais de 750 empresários do setor de distribuição de insumos agrícolas e veterinário e especialistas em agronegócios passaram pelo congresso durante os dois dias em que ocorreu. Além do elevadíssimo nível do fórum de debates, o congresso contou pela primeira vez com exposição aberta aos profissionais do setor. A mostra reuniu cerca de 50 expositores e recebeu mais de 2.100 visitantes durante os três dias de feira.

Na ocasião, Marco Antonio Nasser Carvalho, presidente da ANDAV falou sobre a importância da distribuição. "Cerca de 60% das vendas de insumos agrícolas e pecuários no Brasil passam pelos distribuidores. Esse percentual é cada vez maior, assim como cresce a importância da distribuição no aumento da agricultura e na produção animal", analisa.

Devido ao sucesso, já foi confirmada a realização do IV Congresso ANDAV, que será entre os dias 18 e 20 de agosto de 2014, no Transamerica Expo Center, em São Paulo.



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS DISTRIBUIDORES
DE INSUMOS AGRÍCOLAS E VETERINÁRIOS

Agende-se

Congresso Brasileiro de Agronomia

A segurança alimentar e nutricional é uma grande preocupação para o Brasil e para o mundo, por isso esse será o tema do XXVIII Congresso Brasileiro de Agronomia, o maior e mais tradicional evento da agronomia brasileira (desde 1935).

O evento será realizado em Cuiabá, de 19 a 22 de novembro de 2013, no Centro de Eventos Pantanal; o público estimado é de 2000 participantes. Simultaneamente, ocorrerá a Feira da Agroindústria Saudável (FAS), assegurando oportunidades de negócios em produtos e serviços destinados às cadeias produtivas do Mato Grosso.

O evento é organizado pela Confederação dos Engenheiros Agrônomos do Brasil (Confaeab), presidida pelo engenheiro agrônomo, Angelo Petto Neto, também presidente da AEASP, em parceria com o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia de Mato Grosso (CREAMT) e tem a Associação dos Engenheiros Agrônomos de Mato Grosso (AEAMT) como anfitriã.

Simpósio

De 4 a 8 de novembro de 2013, acontece o V Simpósio de Restauração Ecológica, no Instituto de Botânica, em São Paulo. O tema do simpósio será "Políticas públicas para conservação da biodiversidade".

Senhores Aposentados e Pensionistas

Irente-se do Imposto de Renda retido na fonte e também obtenha Iisenção Parcial da Contribuição Previdenciária

Para obter os benefícios acima citados, deve se enquadrar nas seguintes condições: ser aposentado portando doença, moléstia abaixo citados.

Também podem ficar isentos os aposentados por invalidez, acidentes de trabalho e os que contraíram a doença após a aposentadoria, bem como os pensionistas.

Tendo direito a devolução dos últimos cinco anos do imposto retido na fonte, conforme comprovação via Laudo Pericial.

São consideradas doenças e moléstias graves:

- Moléstia Profissional
- Tuberculose Ativa
- Alienação Mental
- Esclerose Múltipla
- Neoplasia Maligna
- Cegueira
- Hanseníase
- Paralisia irreversível incapacitante
- Cardiopatia Grave
- AVC - Acidente Vascular Cerebral
- Câncer de Mama
- Doença de Parkinson
- Espondiloartrose Anquilosante
- Nefropatia
- Estado avançado da doença de Paget
- Contaminação por radiação
- Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
- Fibrose Cística
- Hepatopatia Grave
- Aposentados por invalidez
- Aneurisma Cerebral
- Câncer de Próstata

Veja também os Benefícios Especiais do Seguro de Vida - Saúde - Automóvel para os Aposentados e Pensionistas

Entre em contato e tenha maiores informações:

Telefax: (11) 5662-6732 - 99689-2821

Email: marcosfilomeno@hotmail.com

Site: www.filomenoconsultoria.com



Filomeno

Consultoria & Assessoria de Benefícios Tributários

A agricultura ameaçada

*João Sereno Lammel

O perigo ronda um dos setores mais dinâmicos da economia brasileira: o campo está exposto ao feroz ataque de novas pragas e doenças que, sem formas adequadas de controle, infestam lavouras nas mais importantes regiões, provocam danos severos à produção de alimentos, fibras e energias renováveis e elevados prejuízos aos agricultores. Ao mesmo tempo, agrava o fato, os órgãos federais encarregados da regulamentação da defesa fitossanitária carecerem de estrutura e coordenação para fazê-lo com celeridade e eficiência.

Nos últimos meses, a lagarta *Helicoverpa armigera*, até então desconhecida dos pesquisadores brasileiros, assombra pelo apetite voraz com que já devorou, apenas na safra deste ano, ao menos 1 bilhão de dólares das lavouras de soja e algodão do Mato Grosso e Bahia. Pesquisadores acompanham o rastro da praga e indicam que ela já se instalou em áreas do Paraná e franjas do Sudeste.

A nova praga se soma a outras de difícil controle, como a mosca branca, a broca do café e a ferrugem asiática – esta já causou, nos últimos dez anos, de acordo com a Aprosoja, prejuízo superior a 25 bilhões de dólares. As perdas se alastram a lavouras de café e algodão, importantes itens de exportação, além de feijão e hortaliças, decisivos na economia interna ao impactarem o índice de inflação. Se olharmos para o futuro, o cenário é ainda mais sombrio.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Defesa Agropecuária, existem outras 150 pragas com potencial para invadir lavouras em algum ponto do Brasil. Pelo menos, quinze delas se encontram no nível de dano econômico às lavouras – aquele que exige manejos e sistemas de controle fitossanitários. Os efeitos podem ser devastadores – às plantações e à economia do País.

O agronegócio foi responsável, nos últimos dez anos, por 27% do PIB nacional, de acordo com o Centro de Estudos Avançados em

Economia Aplicada, Cepea. Em 2013, deve crescer 9%, frente aos módicos 2% da economia como um todo. Tais resultados se devem, em grande medida, à competência da pesquisa na geração de novas tecnologias adaptadas ao Brasil, a partir de investimentos vultosos de empresas públicas e privadas. O Estado da Arte em agricultura tropical tem propiciado a Revolução Verde brasileira.

Tecnologias como, por exemplo, novos ingredientes ativos de defensivos agrícolas, geraram produtos mais eficazes e seguros. O ganho de produtividade é atestado pela FAO, órgão das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura: as plantações comerciais não protegidas por modernas tecnologias perdem, em média, 40% de sua produção, podendo chegar a 100% em alguns casos.

Dessa forma, é preocupante verificar que, nos últimos anos, tem havido a vertiginosa redução na análise de novas tecnologias para a defesa das plantações. Em 2008, foram aprovados 11 novos princípios ativos; em 2009, reduziu para 8 novos ingredientes ativos. Em 2010, as aprovações caíram para 3 ativos novos; em 2011, foram registrados apenas 2 novos produtos. Finalmente, no ano passado, o atestado de morosidade atingiu o fundo do poço: apenas 1 ativo novo foi aprovado.

Nesse ritmo, a aprovação de todos os produtos parados na fila de análise levará 11,7 anos, segundo declaração recente da própria Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), um dos órgãos encarregados regulamentação de defensivos agrícolas, ao lado do Ibama e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Eis, portanto, parte da explicação para os enormes prejuízos provocados pelas pragas, que se mostram muito mais ágeis do que a burocracia e ineficiência.

São imprescindíveis e inadiáveis, portanto, um amplo trabalho preventivo; reforçar a segurança nas fronteiras e, principalmente, ampliar a infraestrutura funcional dos órgãos vinculados aos três ministérios. A ampliação do corpo técnico deve ser acompanhada de medidas e sistemas que aperfeiçoem e dinamizem a análise e aprovação de registro de novas tecnologias. A correção nos rumos do atual marco regulatório oferecerá um horizonte de maior previsibilidade às empresas e aos agricultores para definirem seus investimentos.

*João Sereno Lammel é engenheiro agrônomo e presidente do Conselho Diretor da Associação Nacional de Defesa Vegetal, Andef



Divulgação



Cana em muda

IAC desenvolve sistema inédito que modifica o conceito de plantar cana

* Carla Gomes

O Instituto Agrônomo (IAC), de Campinas, desenvolveu sistema inédito que modifica o conceito de plantar cana-de-açúcar. O sistema de mudas pré-brotadas (MPB) de cana é uma tecnologia de multiplicação que poderá contribuir para a produção rápida de mudas, associando elevado padrão de fitossanidade, vigor e uniformidade de plantio.

Outro grande benefício está na redução da quantidade de mudas que vai a campo. Para o plantio de um hectare de cana, o consumo de mudas cai de 18 a 20 toneladas, no plantio convencional, para 2 toneladas no MPB. "Isso significa que 18 toneladas que seriam enterradas como mudas irão para a indústria produzir álcool e açúcar, gerando ganhos", explica o engenheiro agrônomo Mauro Alexandre Xavier, pesquisador do IAC, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo.

A nova tecnologia desenvolvida pelo Programa Cana do IAC é direcionada a aumentar a eficiência e os ganhos econômicos na implantação de viveiros, replantio de áreas comerciais e possivelmente renovação e expansão de áreas de cana-de-açúcar. "Trata-se de um novo conceito no método de multiplicação da cana-de-açúcar, reduzindo volume e levando para o campo efetivamente uma planta", diz Xavier, integrante do Programa.

O MPB transforma o conceito de multiplicação de mudas. O sistema convencional foi adotado na chegada das primeiras canas ao Brasil, por volta de 1.530. "No convencional, abre-se o sulco e põe colmo semente dentro. Agora propomos colocar a planta", afirma o especialista.

Com a tecnologia do MPB em vez dos colmos como sementes, entram as mudas pré-brotadas que são produzidas a partir de cortes de canas, chamados minirrebolos – onde estão as gemas. Depois passam por uma seleção visual e são tratados com fungicida. São colocados em caixas de brotação com temperatura e umidade controlada, e ao final colocadas em tubetes que passam por duas fases de aclimatação. O ciclo completo leva 60 dias.

"As falhas ocorridas nas áreas de plantios decorrem da falta de uniformidade de diversos fatores do sistema atual, muitas vezes deve-se ao uso excessivo de mudas que brotam e acabam competindo por água luz e nutrientes", explica o pesquisador. O novo método, por sua vez, aumenta a uniformidade nas linhas de plantio e, conseqüentemente, reduz as falhas.

O sistema envolve a formação de viveiros para multiplicação rápida de novos materiais de cana. É um método simples que pode ser adotado por pequenos produtores e associações, não ficando restrito às usinas. De acordo com o pesquisador, o MPB restaura os benefícios da formação de mudas em viveiros, procedimento que fora praticamente esquecido com o boom do setor, apesar de gerar benefícios como aspectos fitossanitários da planta.

Dentre as principais vantagens do sistema estão o menor volume de mudas a ser transportado para o campo de plantio e o grande salto na qualidade fitossanitária das mudas. O MPB está sendo adotado em várias regiões

brasileiras. "Pela simplicidade do método e suas variações, está bem distribuído, o MPB já está em Goiás e região Central de São Paulo. Muitos produtores de inúmeros Estados deverão adotar o método no curto e médio prazo", diz o pesquisador do IAC.

O MPB contribui para reduzir as ocorrências de pragas e doenças na implantação do canavial por usar mudas sadias. "Desde 2009, o Programa Cana IAC optou por não entregar mais colmos "semente" para multiplicação e instalação de sua rede experimental. Desde então vem desenvolvendo o sistema MPB", afirma Xavier. A tecnologia surgiu da necessidade de entregar um material não convencional de colmos, para tentar evitar a disseminação do *Sphenophorus levis*, uma importante praga da cana-de-açúcar.

Até meados da década de 1980, o besouro *Sphenophorus levis* estava restrito à região de Piracicaba, mas atualmente é observado em praticamente todo o Estado de São Paulo, Minas Gerais e norte do Paraná. É muito provável que esta praga também já esteja em Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, embora ainda não haja registros de ocorrência. As preocupações se justificam porque as larvas causam acentuada destruição das soqueiras, provocando redução de produtividade e de longevidade do canavial.

O MPB permite alcançar aumento de eficiência e ganho econômico na implantação de viveiros, replantio de áreas comerciais e expansão e renovação de áreas plantadas de cana-de-açúcar. Entretanto para a implantação do sistema em grande escala é necessário o esforço e cooperação entre instituições de pesquisa de melhoramento genético, fitotecnia e mecanização para a plena viabilização do plantio em área comercial.



De olho em sua ART

Prezado associado da AEASP, ao preencher a Anotação de Responsabilidade Técnica (ART) não se esqueça de registrar no campo 31 o número **58**. Desta forma você estará ajudando a AEASP a obter mais recursos que serão revertidos em seu benefício. Se o emissor deixar o campo 31 em branco a alíquota não é repassada à nossa entidade.

Os tipos de ARTs específicas para o engenheiro agrônomo são as de Obras, Serviços, Receituário Agronômico, Desempenho de Cargo/Função e Crédito Rural.

Novo site da AEASP

No intuito de modernizar sua comunicação com você, associado, e com os demais públicos, a AEASP construiu um novo site. O visual leve e as informações bem distribuídas na página facilitam o contato entre a entidade e os internautas. Além de se manter atualizado com notícias do agro, eventos e artigos, você ainda pode interagir com a entidade pelo Fale Conosco e também pela Área do Associado.

Também oferecemos a oportunidade de cadastro de currículo para estudantes de engenharia agrônoma, na página AEASP Nova Geração, o banco de dados ficará à disposição das empresas parceiras da associação.

Ajude a escolher!

AEASP Nova Geração é o nome do novo programa que a AEASP está preparando para chegar mais perto dos jovens engenheiros agrônomos. Por isso queremos sua ajuda para escolher a logomarca desse programa. Entre no site, em AEASP Nova Geração, no canto direito da tela aparece o link para a votação. Basta clicar no modelo que você preferir. Participe!

Jornal do Engenheiro
Agrônomo

Para anunciar no JEA ou recebê-lo, entre em contato:
Rua 24 de Maio, 104 - 10º andar
CEP 01041-000 | São Paulo - SP
Tel.: (11) 3221-6322 | Fax: (11) 3221-6930
redacaojea@aeasp.org.br | secretaria@aeasp.org.br



XXVIII Congresso
Brasileiro de Agronomia

80 ANOS DA AGRONOMIA

DE
19 A 22
NOVEMBRO
2013
CUIABÁ - MATO GROSSO,
BRASIL
LOCAL:
CENTRO DE EVENTOS FANTASMA

NÚMERO ESTIMADO: 2.000 PARTICIPANTES

TEMA CENTRAL:
SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL

✓ Faça sua Inscrição em nosso site:
www.congressodeagronomia.com

Curta a página no Facebook:
Congresso Brasileiro de Agronomia
e fique por dentro do evento.

